

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO EDUCATIVA: ENTENDIMENTOS INICIAIS¹

Raquel Weyh Dattein², Catia Maria Nehring³.

¹ Texto produzido a partir de estudos desenvolvidas na disciplina O processo educativo escolar: saber-professor-aluno - parte I, do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências/UNIJUI.

² Acadêmica do curso de mestrado do PPG em Educação nas Ciências da UNIJUI, raquel.dattein@hotmail.com.

³ Docente vinculada ao PPGECE da UNIJUI. Líder do GEEM – Grupos de Estudos em Educação Matemática, catia@unijui.edu.br

Introdução

No componente curricular denominado “O processo educativo escolar: saber-professor-aluno”, oferecida no curso de Mestrado do PPG em Educação nas Ciências – UNIJUI, os estudantes foram provocados a produzir memórias das aulas em diálogo com os autores de cada temática da disciplina. Dessa forma, dialogamos num primeiro momento com os autores Young (2007), Marques (2000), Savater (1998) e Guillot (2008), os quais abordam em suas produções o papel da instituição escolar, tentando esclarecer a função da escola, desse lugar de prática educativa, com a função de aprendizagem de um conhecimento poderoso. A escola, a partir desse contexto contribui na formação do aluno como sujeito na sociedade, um adulto, que precisa constituir uma identidade de grupo, contrapondo ao cotidiano da família, no qual é único, protegido, aceito da forma como pensa e age. Versamos abordar nesse ensaio teórico alguns entendimentos da função dessa instituição escolar no contexto do ensino e da aprendizagem, na perspectiva de defesa da escola como principal instituição que trabalha com o objeto de saber.

Metodologia

O presente trabalho é um ensaio teórico e foi escrito partindo de reflexões realizadas na disciplina acima citada, do curso de mestrado do PPGECE - UNIJUI. Num primeiro momento ocorreu a leitura prévia de cada texto dos autores, em seguida os mesmos foram discutidos em aula, e a partir da compreensão de cada mestrando, foi possível uma sistematização das teorias. Assim sendo, temos o objetivo de escrever os pontos que consideramos relevantes de serem abordados, sendo esta, uma maneira de colocarmos o nosso entendimento sobre a instituição escolar e sua função na sociedade.

Resultados e Discussão

Inicialmente expressamos o que compreendemos como diferença entre professor, e educador que são inter-relacionados na instituição de ensino, e que aparecem ao longo do texto: o professor é uma profissão reconhecida que precisa de formação, habilitado para trabalhar na educação básica, sendo esta profissão ancorada em determinados saberes docentes. O educador é o ator do ato de educar, sujeito que trabalha com humanos e para humanos.

Young (2007), em seu artigo coloca a seguinte questão “Para que servem as escolas?”, reforçando a ideia de que o currículo elaborado pela escola com todos os seus segmentos, obrigatoriamente deve

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

organizar como o professor precisa trabalhar o conhecimento poderoso. Pois na família, no grupo de iguais, acredita que isso não será possível, por ser considerado o conhecimento do cotidiano e não científico. Reforça que sem “[...] as escolas, [...] cada geração teria que começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecer praticamente inalterada durante séculos” (YOUNG, 2007, p. 1288). A escola é uma instituição específica, mais ampla do que a necessidade de aprender a fazer contas, comprar itens, portanto, o conhecimento do cotidiano não pode ser a base do currículo, mas sim, podemos considerar como um componente relevante, o contexto do qual advém o conhecimento poderoso, que precisa ser problematizado com os alunos e entre os professores de todas as áreas.

Ao ensinar o conhecimento científico, o professor faz escolhas de o quê, como, e porque este e não outro conhecimento precisa ser trabalhado com o aluno, a partir da legitimação deste conhecimento pela sociedade. A formação do docente não traz respostas prontas de como ensinar, como resolver cada problema enfrentado na sala de aula e/ou na escola, ela precisa explorar e sustentar a ação do professor, a partir de saberes necessário a esta docência. É necessário, que o professor, mesmo formado, busque por capacitação, pois o contexto da sala de aula, da escola é dinâmico e complexo, exigindo formação constante, para definir sua função na instituição educativa (YOUNG, 2007). E esta, estará sempre organizada a partir de um currículo, que segundo o mesmo autor, envolverão as seguintes questões:

- (a) as diferenças entre formas de conhecimento especializado e as relações entre elas;
- (b) como esse conhecimento especializado difere do conhecimento que as pessoas adquirem no seu cotidiano;
- (c) como o conhecimento especializado e o cotidiano se relacionam entre si e
- (d) como o conhecimento especializado é tratado em termos pedagógicos. Em outras palavras, como ele é organizado ao longo do tempo, selecionado e sequenciado para diferentes grupos de alunos (YOUNG, 2007, p. 1295-1296).

O currículo de cada escola é um meio para que os alunos possam adquirir conhecimento poderoso, afinal é para isso que elas servem conforme o autor, porém nem sempre o currículo consegue cumprir isso, esbarrando numa lista de conteúdos e disciplinas.

Em consonância com os entendimentos de Young (2007), que chama para a questão do conhecimento poderoso, Marques (2000) discute em que local ocorre o ensino e aprendizagem do mesmo, contribuindo com a compreensão da instituição escola, como uma instituição de práticas educativas, na qual a aprendizagem precisa ser significada pelo aluno, fazendo diferença na sua vida enquanto sujeito na sociedade. O que o sujeito, não aprende em casa, no grupo de iguais precisa ser aprendido em outra instituição, ou seja, a escola. Esta posição faz com que o professor, tenha clareza do que efetivamente organizar no processo de ensino, o que vai sustentar o currículo escolar.

Há várias formas de aprendizagem nessa sociedade complexa: no âmbito da família, no seio dos grupos de iguais, na esfera do poder público articulado pelo estado, na esfera da sociedade civil, nos espaços públicos, na Práxis política. Esse coletivo tende a estar em crise, buscando sempre novas

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

soluções para avançar na aquisição do conhecimento, e como mestrandos transitamos por todas essas esferas e dessa forma, somos sujeitos ativos com o propósito de analisar as várias opções, tendo o cuidado de não julgar como certo ou errado, mas na perspectiva de problematizar e apresentar novas possibilidades.

A escola constitui-se por estar inserida numa sociedade complexa que possui processos democráticos, que pode constituir lideranças, que tem alguma medida de liberdade para tomar decisões, a partir, de um aparato administrativo, em que envolve processos de aprendizagens, e para isso necessariamente “o aprendido é, assim, resultante de tudo aquilo que passou com o homem; sem ter passado o todo, porque deixou suas marcas no repositório da imaginação e da materialidade da existência” (MARQUES, 2000, p. 57).

Em relação à aprendizagem no âmbito da família, esta se constitui no elemento mediador primeiro entre o homem e a sociedade, influencia diretamente na qualidade do sujeito, se o mesmo está sendo incentivado a buscar uma aprendizagem além da primeira obtida neste âmbito ou não, e isso é facilmente percebido na escola, se os pais ou responsáveis apoiam os estudos do infante. A família tem o dever de fazer a proteção, para que o sujeito adquira novas aprendizagens no seio dos grupos de iguais, conquistando sua autonomia frente ao mundo adulto, formando sua consciência do grupo e a forma da cooperação, com inserção na esfera do poder público organizado pela sociedade civil, sistema político institucionalmente normatizado, econômico, estruturado e administrativo. Isso requer articulação entre esses sistemas para desenvolver as condições de produção e gestão dos recursos.

Na sociedade civil há movimentos sociais que se institucionalizam, regionalizam os saberes, como é o caso das escolas, local de aprendizagens intencionais, estruturadas (Marques) do conhecimento científico, local no qual

[...] o homem se constitui pela ação da palavra, pela reflexão, pelo debate livre e democrático; mas também pela palavra da ação, isto é, por sua atuação efetiva no e através de seu mundo. Palavra e ação se reclamam em reciprocidade e se efetivam uma na outra (MARQUES, 2000, p. 69).

A instituição escola, nas palavras de Marques, se formam os instituintes, que são sujeitos coletivos organizados, como os professores, educadores intencionados, que dão sentido e vida à Instituição, alunos que trazem outros contextos, além do que já está instituído, está posto, mas que sempre estão em movimento, e devem ser problematizados. Compreendo que os instituintes tem o dever de replanejar sempre que considerarem necessário o que está instituído, pelo fato de sermos atuantes na instituição, analisando suas relações externas e internas “à dinâmica curricular integradora das perspectivas e dos conteúdos das aprendizagens aprendidas” (MARQUES, 2000, p. 102).

O mesmo autor conclui enfocando que os conceitos ensinados podem sofrer suas alterações, pois a ciência faz o currículo se movimentar constantemente e é função da instituição observar que “os conteúdos das aprendizagens pretendidas não são objetivos em si; são discursos que recortam os objetos do saber e do fazer, para inseri-los na urdidura de redes ou tramas de conceitos e teorias e deles diferenciadamente se apropriarem” (MARQUES, 2000, p. 107). É preciso de uma gestão democrática, administrar, dirigir de forma coerente a escola, começando por todo educador

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

assumindo o papel de dirigente, como professor, como diretor, pois a qualquer momento as posições podem se inverter, e isso não pode afetar os alunos.

Os autores abordados nesse ensaio teórico estão preocupados com a função da escola, dessa instituição de ensino, nesse contexto olhando para o ambiente escolar, mas que perpassa pela formação do professor, envolvendo a academia, pois é nela que o conhecimento científico é elaborado para posteriormente chegar à escola. Para tanto, envolve toda uma sociedade, na qual “para ser homem não basta nascer, é preciso aprender” (SAVATER, 1998, p. 47), nesse sentido o autor refere-se que temos uma herança biológica, que comprova que somos seres humanos, mas que de nada adianta se não tivermos a herança cultural, que faz com que nos tornamos humanos, a partir da sociedade em que vivemos, ou seja, a partir do outro.

O autor reforça a ideia de que precisamos estar cientes de que não somos únicos na sociedade, as descobertas e lutas se mantêm e não somos iniciadores da nossa linhagem, nem precisamos inventar a roda, basta que nos utilizemos do que já está descoberto e buscar mais características, mais determinantes para os conteúdos de ensino, sem esquecer de que “para educar os outros é preciso ter vivido antes deles, não o simples ter vivido em geral... mas ter vivido antes o conhecimento que se deseja transmitir” (SAVATER, 1998, p. 51). Dessa forma, compreendemos que somente conseguimos ensinar o que de fato aprendemos, uma vez que podemos ser educadores em várias situações, como com colegas professores, compartilhando metodologias de ensino que experienciamos e foi eficaz, ou também no caso das crianças, ela são educadoras de outras crianças quando as ensinam a pular corda, por exemplo. Outra situação, para exemplificar, como professores na condição de licenciados em Ciências Biológicas, temos a responsabilidade de ensinar ciência de alta complexidade numa instituição educacional, um saber científico que carece de processos de abstração para o aluno, que possui conhecimentos do cotidiano, que pode ser contraditório aos conhecimentos científicos.

Nesse caso, retornamos a Young (2000) com sua ênfase no conhecimento poderoso, que só pode ser ensinado pelo professor. Contudo Savater (1998) instiga-nos a pensar sobre isso, levantando algumas questões difíceis de ter respostas: o que se pode ensinar e o que se deve aprender? Como deve estar organizado o currículo? Considerando que a informação está em toda a parte, e cada dia mais acessível pelos meios de comunicação e principalmente na internet? Como vou fazer para auxiliar meus alunos a se concentrarem na minha aula? Como valorizar a cultura que o aluno traz de casa, inserindo-a na leitura e escrita que devo instruí-lo? Sendo o professor gestor do currículo, considerando isto importante para ser ensinado, como vou organizar o tempo? Sou uma professora conservadora ou inovadora? Como desenvolver e potencializar as minhas capacidades e as dos alunos? Devo dar bastante tema para meus alunos a fim de seus pais fiquem felizes porque seus filhos estão com os cadernos cheios? E será que realmente aprenderam com tanto tema? Qual ideal pedagógico que sigo ou devo seguir?

Esses e outros questionamentos vão perpassando a nossa mente. Em alguns momentos conseguimos achar soluções para dada situação, mas que não serve em nada para outras tantas. Contudo considero relevante a nossa capacidade de estarmos abertos para essas questões, um indício de que aceitamos que a sociedade está em crise e precisamos aprender a solucionar os problemas a cada dia com estratégias diferentes, isso agrega maturidade. Afirmo isso concordando que “a diversidade

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

cultural é o modo próprio de se expressar a raiz cultural humana comum, sua riqueza e generosidade” (SAVATER, 1998, p. 187.), dessa forma cada aluno tem suas concepções sobre os conteúdos que queremos ensinar e isso deve ser valorizado constantemente, em processos de contextualização e recontextualização.

Com o intuito de continuar esse diálogo e nossas perguntas a cerca do que é essa instituição de ensino chamada escola, qual seu papel para a sociedade, recorreremos aos entendimentos de Guillot (2008), o qual nos instiga a pensar como professores, o que devemos e o podemos fazer? Perguntas estas que muitas vezes precisamos solitariamente fazer, porque as limitações são enormes, de ordem burocrática, política ou pessoal. Tendo dito isso, concordamos que,

Essa reflexão sobre a ação é possível durante a ação e permite reestruturar e adaptar a situação durante o processo.

[...] uma reflexão compartilhada com colegas permite se distanciar melhor de uma experiência ainda muitas vezes solitária, em que se faz “seu melhor”.

[...] Pode-se ter 20 anos de experiência que são, na verdade, 20 anos de cegueira em relação aos erros cometidos.

[...] Uma profissão não é uma projeção. Ela se aprende (GUILLOT, 2008, p. 123).

Falar em refletir na e sobre a ação é fácil, mas sabemos o quanto isso é doloroso para a maioria dos colegas professores, principalmente esses que se dizem experientes, que inúmeras vezes nos dizem “não adianta fazer essa atividade, eu já tentei umas três vezes e não deu certo com nenhuma turma!”. Nas aulas da licenciatura, das práticas de ensino, dos teóricos que diziam que sim, era possível, porque há uma enorme diferença entre eu aplicar uma metodologia e o meu colega professor, cada um aborda os conceitos de uma forma diferente, abre mais, ou menos espaço para os alunos interagir com o conteúdo. Contudo, minha concepção é de que é de suma importância haver diálogo entre os pares, discutir não é só uma questão de metodologias. Para a prática educativa é necessário explicitação de como se entende o conhecimento, como se ensina, como se aprende com outros professores metodologias novas e velhas. Sempre aprendemos com isso, por isso escolhemos essa profissão, para dinamizar o currículo, aprender e ensinar.

Dentre nossas missões institucionais, como docentes na escola, Guillot (2008) traz o instruir (saberes), o educar (valores) e o formar (inserção profissional), que de forma geral resumem as ações do cotidiano escolar. Isso também se deve ao trabalho em equipe, as parcerias, a heterogeneidade entre alunos e funcionários, a realização de um projeto e a substituição do individualismo e da competição por um modo de relação cooperativo.

Conclusão

Assim sendo, dominar o saber a ser ensinado não basta mais, “ensinar não se reduz a saber fazer diante de seus alunos, mas a saber fazer com que estes façam” (GUILLOT, 2008, p 125). Assinalamos que esta é uma das maiores e mais desafiadoras missões do ser professor, mas que a cada dia vivido na escola, temos a oportunidade de refletir sobre como mudar o currículo. Afirmamos isso, pelo fato de sermos os autores da instituição de ensino, e provocar isso em nós,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

também é mais uma função da escola, que não se resume nessas poucas laudas, mas sempre estamos a procura de melhorar a qualidade da educação no pequeno espaço em que vivemos.

Palavras-chave: ensinar; aprender; formação docente.

Referências

- MARQUES, Mario Osório. Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência. Ijuí, RS: UNIJUI, 2000.
- GUILLOT, Gerard. O resgate da autoridade em educação. Porto Alegre, RS: Arnet, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p
- SAVATER, Fernando. O valor de Educar. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? In: Educação e Sociedade. Campinas. Vol 08. N 101, p. 1287-1302 set/dez. 2007.